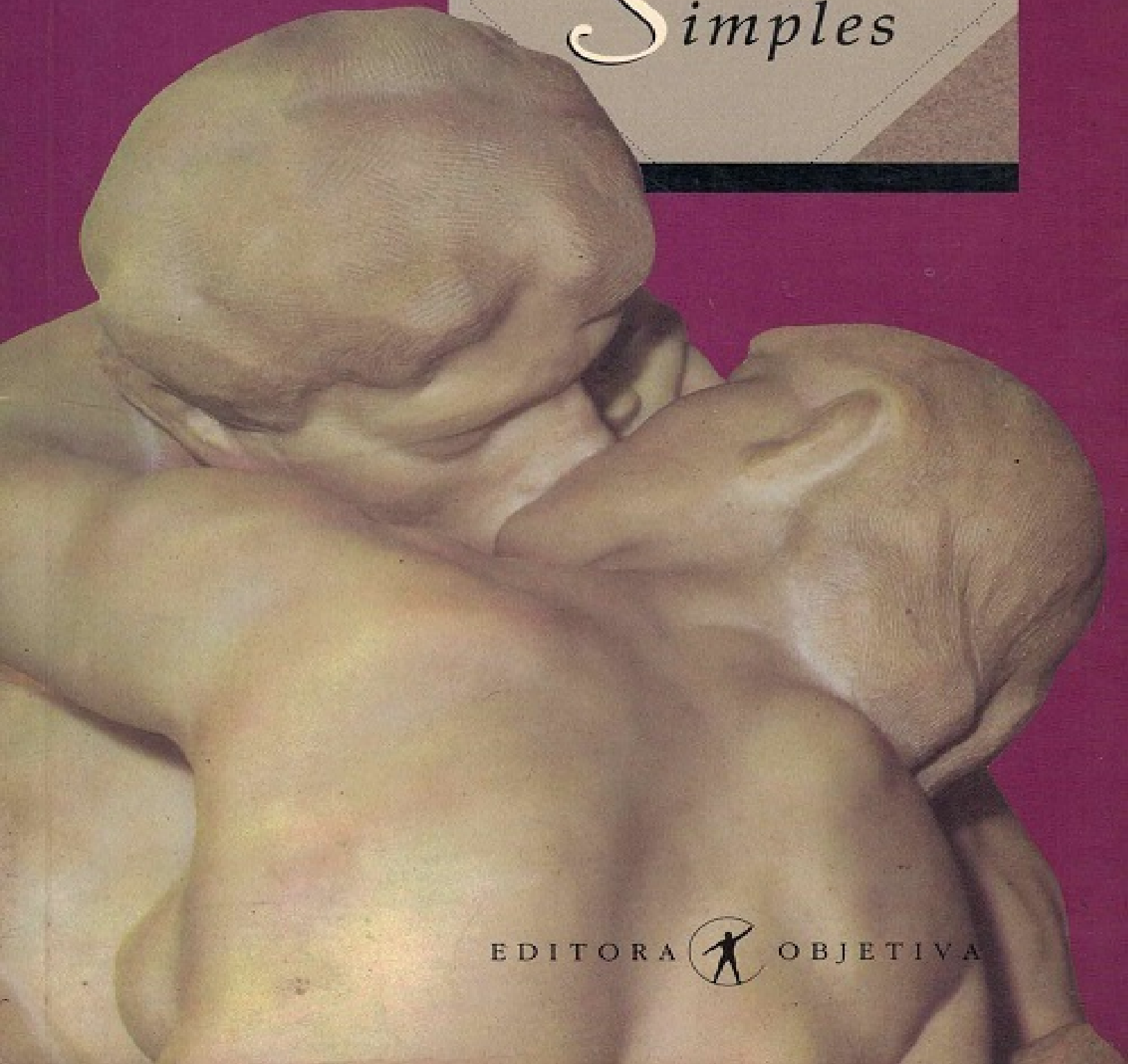
NÚMERO 1
DA LISTA DOS
MAIS VENDIDOS
NA FRANÇA

Annie Ernaux

PAIXÃO Simples



EDITORA OBJETIVA

Annie Ernaux

Paixão Simples

Editora Objetiva
Rio de Janeiro
1992

Nous deux — *le magazine — est plus obscène que Sade.*
— ROLAND BARTHES

Este verão, assisti pela primeira vez a um filme impróprio para menores de 21 anos na televisão, no canal+. Meu aparelho não tem decodificador, as imagens na tela estavam desfocadas, as palavras substituídas por efeitos sonoros estranhos, uma chiadeira, um marulho, como se fosse uma outra língua, doce e ininterrupta. Distinguia-se a forma de uma mulher de espartilho e meias, de um homem. A história era incompreensível e não dava nenhuma pista dos gestos nem das ações. O homem se aproximou da mulher. Veio um close, o sexo da mulher apareceu, bem visível no faiscar da tela, depois o sexo do homem, em ereção, a esgueirar-se no da mulher. Por um bom tempo, o vaivém dos dois sexos foi mostrado sob ângulos diversos. A peça reapareceu, na mão do homem, e o esperma se espalhou no ventre da mulher. A gente se habitua, sim, a esta visão mas da primeira vez ela perturba. Passaram-se séculos e séculos, centenas de gerações, e somente agora se pode ver isso, um sexo de mulher e um sexo de homem se unindo, o esperma, que só de olhar quase matava a pessoa, agora tão fácil de ver quanto um aperto de mão.

Pareceu-me que esta deveria ser a tendência da escrita, esta impressão que a cena do ato sexual provoca, esta angústia e este estupor, uma suspensão do juízo moral.

De setembro para cá, só fiz esperar um homem: que ele me ligasse ou viesse à minha casa. Eu ia ao supermercado, ao cinema, levava roupa no tintureiro, lia, corrigia textos, agia exatamente como antes. Mas era só por eu estar mais que acostumada com estes atos que conseguia agir sem fazer um esforço monstruoso. Sobretudo falando é que eu me sentia viver desse meu impulso. As palavras e as frases, o riso, até, formavam-se em minha boca sem participação real da minha reflexão ou da minha vontade. Aliás só vagamente me lembro das minhas atividades, dos filmes que vi, das pessoas que encontrei. Quase toda a minha conduta era artificial. As únicas ações onde eu empenhava a minha vontade, o meu desejo e essa coisa que deve ser a inteligência humana (capacidade de prever, avaliar os prós e os contras, as consequências), tudo tinha uma ligação com esse homem:

ler no jornal as matérias sobre o país dele (ele era estrangeiro)
escolher roupa e maquiagem
escrever cartas para ele
trocar a roupa de cama e botar flor no quarto
anotar o que eu não podia esquecer de lhe dizer, da próxima vez, que pudesse interessá-lo
comprar uísque, frutas, diversos quitutes para a nossa noite
imaginar em que lugar da casa faríamos amor quando ele chegasse.

Nas conversas, os únicos temas que quebravam a minha indiferença eram os que tinham relação com esse homem, sua função, o país de onde ele vinha, os lugares onde estivera. A pessoa com quem eu falava nem desconfiava que o meu súbito interesse pelo que ela dizia devia-se não ao seu modo de contar, e muito pouco ao assunto em pauta, e sim ao fato de que um dia, dez anos antes de eu o encontrar, A., em missão em Havana, entrara talvez justamente naquela boate, a “Fiorendito” que, animada pela minha atenção, ela me descrevia com riqueza de detalhes. Da mesma forma, quando eu lia, as frases que me prendiam tinham a ver com a relação entre um homem e uma mulher. Parecia que elas me ensinavam alguma coisa sobre A. e davam um sentido àquilo em que eu desejava crer. Assim, ler em *Vie et destin* de Grossman que “quando a gente ama, fecha os olhos beijando” me fazia imaginar que A. me amava já que me beijava desse jeito. Depois o resto do livro virava aquela coisa que qualquer atividade foi para mim durante um ano, um meio de usar o tempo entre um encontro e outro.

Meu futuro se resumia ao próximo telefonema marcando um encontro. Eu saía quase que só por obrigação, por dever de ofício — para o qual eu tinha um horário — de medo de não estar quando ele ligasse. Eu também evitava ligar o aspirador e o secador de cabelos, para não haver possibilidade de não ouvir a campainha. Quando ela tocava, a esperança que às vezes só durava até eu acabar de dizer alô, me deixava arrasada. Ao descobrir que não era ele, eu ficava tão decepcionada que sentia ódio da pessoa do outro lado da linha. Assim que eu ouvia a voz de A., minha espera indefinida, dolorosa, ciumenta naturalmente, se desfazia na mesma hora, e eu ficava até achando que andara maluca e me curara de repente. No fundo, o que me impressionava era a insignificância dessa voz comparada à sua desmesurada importância.

Se ele anunciava que vinha dali a uma hora — uma "oportunidade", isto é, um pretexto para se atrasar sem que sua mulher desconfiasse —, eu entrava numa outra espera, sem pensar em nada, sem ter nem desejo (a ponto de me perguntar se eu seria capaz de gozar), cheia de uma energia febril para tarefas que eu não conseguia ordenar: tomar um banho, pegar os copos, pintar as unhas, passar um pano no chão. Eu não sabia mais o que esperava. Simplesmente era atropelada por esse momento — cuja proximidade sempre me deu um medo inominável — em que eu ouvia o carro frear, o portão bater, os passos dele no asfalto.

Quando ele dava um intervalo maior, três ou quatro dias entre ligar e aparecer, eu visualizava com desgosto todas as minhas obrigações de trabalho, os jantares a que eu tinha de ir com os amigos, antes de revê-lo. Eu gostaria de não fazer outra coisa a não ser esperá-lo. E eu vivia cada vez mais em pânico que acontecesse alguma coisa impedindo o nosso encontro. Um dia, eu estava no carro voltando para casa no fim da tarde, e faltava meia hora para ele chegar, quando me passou pela cabeça a possibilidade de baterem no meu carro. Em seguida: "Não sei se eu pararia."[1]

Se eu já estivesse pintada, penteada, com a casa arramada, e ainda sobrasse tempo, não havia jeito de eu me concentrar para ler ou corrigir um texto. De certo modo, também, eu não queria desviar meu espírito da espera de A.: não queria estragá-la. Muitas vezes eu escrevia num papel a data, a hora, e "ele vem" com outras frases, medos, de que ele não viesse, de que tivesse menos desejo. À noite, eu tornava a pegar esse papel, "ele veio", anotando desordenadamente os detalhes do encontro. Aí eu ficava olhando, bestificada, para o papel rabiscado, com aqueles parágrafos de antes e de depois, lidos em sequência, sem ruptura. Entre os dois, havia palavras, gestos, que tornavam o resto ridículo, inclusive a escrita pela qual eu tentava fixá-los. Um hiato entre dois barulhos de carro, a

freada do R 25 dele, a arrancada de depois, um tempo em que eu tinha certeza de que em minha vida, ter filhos, passar em concursos, viajar, nada disso era mais importante que aquilo, estar na cama com esse homem em plena tarde.

Só durava umas horas. Eu não queria saber de hora; tirava o relógio quando ele estava chegando. Ele não tirava o dele, e eu tinha medo do momento em que ele daria aquela consultadinha discreta. Quando ia na cozinha buscar gelo, eu olhava para o relógio de cima da porta: “faltam mais de duas horas”, “ainda falta uma hora”, ou “falta uma hora para eu continuar aqui e ele já não estar mais”. E me perguntava embasbacada: “Cadê o presente?”

Antes de ir, ele se vestia na maior calma. E eu só assistindo àquela cena: ele abotoando a camisa, calçando as meias, vestindo a cueca, a calça, virando para o espelho para dar o nó na gravata. Quando ele vestisse o paletó, seria o fim. Eu era só o tempo passando por mim.

Logo que ele saía, um cansaço imenso me petrificava. Eu nem ia logo arrumar a casa. Ficava contemplando os copos, os pratos com restos de comida, o cinzeiro cheio, o rastro de peças de roupa do corredor até o quarto, a cama desarrumada, com as cobertas arrastando no chão. Eu tinha vontade de conservar daquele jeito aquela desordem em que cada objeto significava um gesto, um momento, e ia compondo um quadro de uma tal pungência que não daria para ninguém, muito menos eu, senti-la em qualquer museu. E está claro que eu só me lavava no dia seguinte para guardar o esperma dele.

Eu calculava quantas vezes havíamos feito amor. A cada uma delas, parecia que ao mesmo tempo em que nossa relação ganhara alguma coisa, aquela acumulação de gestos e de prazeres ainda haveria de nos afastar. Estávamos dilapidando um capital de desejo. O lucro em intensidade física estava se perdendo no tempo.

Eu caía num sono meio acordado, como se estivesse dormindo no corpo dele. Depois, passava o dia todo entorpecida, sentindo sem parar uma carícia que ele me fizera, ouvindo uma palavra que ele pronunciara. Ele não sabia nenhuma palavra obscena na minha língua, ou, se soubesse, talvez não a quisesse usar, já que, sem lhe atribuir aquela carga da interdição social, considerava-a uma palavra inocente como outra qualquer (como eu consideraria uma palavra grosseira na língua dele). No metrô, no supermercado, eu ouvia a sua voz murmurando: “acaricia meu sexo com a tua boca”. Uma vez, na estação da Ópera, eu ia tão mergulhada nesses devaneios que nem me toquei ao passar a entrada da direção que eu deveria tomar.

Essa anestesia aos poucos ia se dissipando, eu começava a esperar um

telefonema, cada vez mais doída e angustiada depois do último encontro. Do mesmo jeito em que, no passado, antes dos resultados das provas finais, eu ia me convencendo mais a cada dia que passava de ter sido reprovada, agora quando ele não me ligava eu ia me convencendo de que seria abandonada.

Meus únicos momentos felizes longe da presença dele eram aqueles em que eu comprava um vestido novo, um brinco, uma meia, e os experimentava em casa na frente do espelho, o ideal, impossível era para mim que ele me visse sempre com uma roupa diferente. Ele notava só por cinco minutos o meu vestido ou os meus sapatos novos que seriam largados em qualquer lugar assim que ele saísse. Eu também tinha consciência de que não seria uma roupa que haveria de impedi-lo de sentir desejo por outra mulher. Mas mostrar-me vestida com uma roupa que ele já conhecesse me parecia um erro, um relaxamento do esforço que eu fazia para buscar a perfeição, a mesma que buscava na minha relação com ele. Com esse mesmo perfeccionismo, folheei páginas e páginas de *Techniques de l'amour physique*. Esta obra já vendera "700.000 exemplares".

Muitas vezes eu tinha a sensação de estar vivendo esta paixão da mesma maneira que eu escreveria um livro: a mesma necessidade de construir bem cada cena, a mesma preocupação com todos os detalhes. E até pensava que nem me importava de morrer quando essa paixão chegasse ao fim — sem precisar o sentido de "ao fim" — do mesmo modo em que eu podia morrer depois de ter escrito isso em poucos meses.

Na frente das pessoas com quem eu me dava, eu procurava me controlar para não deixar transparecer essa obsessão nas minhas palavras, se bem que isto exigisse uma vigilância difícil de ser mantida a toda hora. Uma vez, no cabeleireiro, encontrei uma mulher que falava como uma matraca, e todo mundo lhe respondia normalmente até o momento em que, com a cabeça deitada na bacia, ela disse: “estou tratando dos nervos”. No mesmo minuto, imperceptivelmente, os funcionários começaram a se dirigir a ela com uma distância contida, como se aquele desabafo fosse a prova da sua perturbação. Eu tinha medo de também parecer anormal se dissesse: “estou vivendo uma paixão”. No entanto, vendo-me no meio de outras mulheres, no caixa do supermercado ou no banco, eu me perguntava se, como eu, elas tinham um homem que não lhes saía da cabeça, senão, como é que elas faziam para viver daquele jeito, quer dizer — tendo em mente minha existência de antes — só esperando que chegasse o fim de semana, a hora de ir ao restaurante, à ginástica, ou de receber o boletim dos filhos: tudo o que, então, era penoso ou indiferente para mim.

Quando me faziam uma confidência, tipo vivi ou estou vivendo, “um amor louco por um cara”, ou “uma relação muito forte com alguém”, às vezes me dava vontade de me abrir. Passada a euforia da cumplicidade, eu ficava com raiva de mim mesma por ter me revelado, o mínimo que fosse. Aquelas conversas em que eu ficava respondendo ao que o outro dizia com um “eu também, tanto faz, fiz a mesma coisa, etc.” de repente me pareciam estranhas à realidade da minha paixão, inúteis. Além do mais, alguma coisa se perdia naquelas efusões.

A meus filhos que estão estudando e às vezes passam uns dias comigo, eu só revelara o mínimo necessário para me garantir o exercício fácil da minha ligação. Assim, eles tinham que telefonar para saber se podiam aparecer e, se lá estivessem, ir embora quando A. anunciasse que viria. Este acerto não gerava — aparentemente, pelo menos — qualquer dificuldade. Mas eu teria preferido deixar meus filhos completamente fora do segredo desta história, do mesmo jeito que eu deixara meus pais fora dos meus namoros e das minhas aventuras. Até porque, pais e filhos são os últimos que podem aceitar sem constrangimento a sexualidade dos que lhes são carnalmente mais próximos e sempre os mais proibidos. Que os filhos se recusem a ver a evidência inscrita no olhar vago e no silêncio da mãe: às vezes eles estão para ela como os gatinhos malandros para

uma gata.{2}

Durante este período eu não quis saber de ouvir música clássica, preferia as canções. As mais sentimentais, aquelas que antes não me chamavam a menor atenção, me perturbavam. Elas falavam simples e diretamente do absoluto da paixão e da sua universalidade. Ouvindo a Sylvie Vartan cantar naquela época “é fatal, animal”, eu via que eu não era a única a sentir aquilo. As canções acompanhavam e legitimavam o que eu estava vivendo.

nos jornais femininos eu lia primeiro o horóscopo.

me dava uma ânsia de ver logo o filme cuja história eu achava que continha a minha, grande decepção quando era um filme velho e não estava passando em lugar nenhum, como *O Império dos Sentidos* de Oshima.

eu dava dinheiro para aquela gente largada pelos corredores do metrô, na intenção de que ele me ligasse à noite. Eu prometia dar 200 francos para uma obra de caridade se ele viesse me ver antes de uma determinada data. Contrariando minha natureza, eu esbanjava dinheiro. Era como se isso fosse parte de uma despesa geral, necessária, inseparável da minha paixão por A., incluindo aquela do tempo, que eu perdia em devaneios e espera, e naturalmente a do corpo: fazer amor caindo de cansaço, como se fosse a última vez. (O que garante que não é a última vez?)

uma tarde quando ele estava lá em casa, queimei o tapete da sala até a trama quando pousei no chão um bule de café quente. Nem liguei. E, ainda por cima, ficava feliz cada vez que via aquela marca, lembrando daquela tarde com ele.

os problemas corriqueiros do dia a dia não me irritavam. Nem me toquei com uma greve dos correios que durou dois meses porque A. não me escrevia cartas (naturalmente por prudência de homem casado.) Esperava tranquila em engarrafamento, fila de banco, e nem me abalava com mau humor de funcionário. Nada me tirava a calma. Eu sentia pelas pessoas um misto de compaixão, de dor e de fraternidade. Compreendia o marginal deitado no banco, o cliente da prostituta, aquela viajante mergulhada naquele Arlequim (mas eu não teria sabido dizer o que é que eu tinha a ver com eles).

uma vez, nua em pelo, eu estava indo pegar umas cervejas na geladeira e me

lembrei das mulheres, sozinhas ou casadas, mães de família, que, lá perto de casa, quando eu era pequena, recebiam homem de tarde (escutava-se tudo — era impossível saber se os vizinhos lhes censuravam a má conduta ou o hábito de consagrar as horas do dia ao prazer e não à limpeza das vidraças). Eu pensava nelas com uma profunda satisfação.

Esse tempo todo, tive a impressão de viver minha paixão no modo do romance, mas agora já não sei em que modo escrevo, se é no do testemunho, vai ver é no da confidência nos moldes da que se encontra nas revistas femininas, no do manifesto ou no do processo verbal, ou mesmo no do comentário de texto.

Não estou fazendo o relato de uma ligação, não estou contando uma história (que meio que me escapa) com uma cronologia precisa, “ele veio no dia 11 de novembro”, nem aproximada, “passaram-se semanas”. Não tinha nada disso nesta relação, era tudo só presença e ausência. Só estou acumulando os signos de uma paixão, oscilando sem parar entre “sempre” e “um dia”, como se este inventário fosse me permitir chegar à realidade desta paixão. Naturalmente esta enumeração e esta descrição dos fatos não contêm nem ironia nem desdém, tons usados para contar coisas aos outros ou a si mesmo depois de as ter vivido, não para vivenciá-las quando acontecem.

Quanto à origem da minha paixão, não tenho a intenção de procurá-la em minha história distante, a que um psicanalista me faria reconstituir, nem na recente, nem nos modelos culturais do sentimento que me influenciaram desde pequena (... *E o Vento Levou*, *Fedra* ou as canções da Edith Piaf são tão definitivos quanto o complexo de Édipo). Não quero explicar minha paixão — o que seria o mesmo que considerá-la um erro ou uma porra-louquice a exigir justificativas. Quero simplesmente expor esta paixão.

Os únicos dados relevantes talvez sejam materiais, o tempo e a liberdade de que pude dispor para viver isto.

Ele gostava de terno Saint-Laurent, gravata Cerruti e carro grande. Guiava rápido, piscando farol, sem falar, como que curtindo ao máximo a sensação de liberdade, elegância, poder, correndo numa estrada francesa, ele que vinha de um país do Leste. Adorava que o achassem parecido com o Alain Delon. Eu adivinhava — na medida do possível, já que se tratava de um estrangeiro — que ele não tinha pendores intelectuais nem artísticos, embora respeitasse tais domínios. Na televisão, ele preferia os programas de jogos e o *Santa Barbara*. Eu não tinha nada contra. Naturalmente porque podia considerar os gostos de A.,

um estrangeiro, antes de mais nada como diferenças culturais, enquanto, num francês, eu consideraria esses mesmos gostos como diferenças sociais. Vai ver até que eu tinha prazer em ver em A. a parte mais “encontrada” de mim mesma: fui uma adolescente louca por roupas, discos e viagens, privada destes bens por colegas que os tinham — como A. “privado” com todo o seu povo, que só pensa em ter tudo o que é camisa bonita e gravador que vê em vitrine aqui do lado ocidental.{3}

Ele bebia muito, como é hábito nos países do Leste. Esse detalhe me assustava pela possibilidade de vir a causar um acidente na estrada, mas não me repugnava. Mesmo se ele estivesse trôpego ou desse um arroto ao me beijar. Antes pelo contrário, eu ficava feliz de estar junto com ele num limiar de abjeção.

Eu não sabia qual era a natureza da sua relação comigo. No início, deduzi certos indícios — o ar feliz e o silêncio com que ele me olhava, sua mania de dizer “dirigi feito um louco para vir”, de me contar a sua infância — apontando-me que ele estava tão apaixonado quanto eu. Esta certeza logo se enfraqueceu. Ele parecia mais reservado, menos propenso a se abrir — mas era só ele me falar do pai dele, das framboesas que ele colhia no bosque aos doze anos, que eu mudava de ideia. Ele não me dava mais nada — quando eu recebia umas flores ou um livro de algum amigo, pensava nas atenções que ele julgava dispensáveis ter para com a minha pessoa, mas na mesma hora: “Ele me dá de presente o desejo dele.” Eu registrava avidamente as frases que eu interpretava como sinais do seu ciúme, para mim, única prova do seu amor. Com o tempo, vi que “você vai para fora no Natal?” não era uma pergunta banal nem prática, para prever ou não um encontro, de modo algum uma maneira sub-reptícia de saber se eu ia esquiar com outra pessoa (quem sabe até ele não desejasse isso para estar com outra mulher?). Eu vivia me perguntando o que significavam para ele essas tardes que passávamos fazendo amor. De qualquer maneira, não adiantava procurar outras razões, sempre eu teria certeza de uma coisa: do seu desejo ou da sua ausência de desejo. A única verdade incontestável se manifestava para mim ao olhar o seu sexo.

Ele ser estrangeiro tornava ainda mais improvável qualquer interpretação do seu comportamento, moldado por uma cultura que eu só conhecia pelo aspecto turístico, pelos clichês. A princípio eu me desencorajara com esses evidentes limites à compreensão mútua. Ainda por cima, enquanto ele se exprimia

razoavelmente bem em francês, eu não falava a língua dele. Depois admiti que esta situação me poupava a ilusão de acreditar numa comunicação perfeita, ou até numa fusão entre nós. No seu francês ligeiramente diferente do nativo, na minha hesitação diante do sentido que ele dava a uma ou outra palavra, eu ficava medindo o desencontro das palavras. Eu tinha o privilégio de ter vivido totalmente consciente, desde o início, daquilo que acabamos descobrindo no espanto e na confusão: nosso amado é um estrangeiro.

As dificuldades que o estado civil dele me impunham — não lhe telefonar — não lhe escrever cartas — não lhe dar presentes que lhe causassem problemas para justificar — aquela eterna dependência de uma chance que ele tivesse de dar uma escapada — não me revoltavam.

na hora em que ele ia embora, entregava-lhe as cartas que lhe escrevia. Mesmo desconfiando que ele as jogava aos pedacinhos na estrada depois que as lia, eu continuava a lhe escrever.

tomava cuidado para não deixar meus signos na roupa dele, não marcava a pele dele. Tanto quanto desejava poupar-lhe cenas com a mulher, eu desejava não atrair um rancor que acabaria por afugentá-lo de mim. Por isso mesmo, eu evitava encontrá-lo nos lugares em que ela estivesse com ele. Eu tinha medo de trair diante dela, por um gesto espontâneo — acariciar a nuca de A., ajeitar um detalhe do seu traje —, a ligação que tínhamos. (Além do mais, eu queria me poupar o sofrimento inútil de visualizar, como visualizava sempre que a via, A. lhe fazendo amor — eu julgá-la insignificante, ou eles fazerem amor porque ela estava “à mão”, não anulava o poder de tortura de tal visão.)

Ainda por cima essas dificuldades alimentavam a espera e o desejo. Como ele sempre me ligava de telefone público, que funciona só quando quer, às vezes eu atendia e não tinha ninguém do outro lado da linha. Aos poucos, fui aprendendo que este “falso” telefonema precedia um verdadeiro, que podia acontecer até quinze minutos depois, o tempo de achar algum aparelho que funcionasse. Aquele primeiro, mudo, era o signo arauto da sua voz, uma (rara) garantia de felicidade, e o intervalo que me separava do seguinte, em que ele diria meu nome e “dá para a gente se ver?”, um dos momentos mais lindos que existem.

À noite, diante da televisão, eu me perguntava se ele estaria vendo a mesma estação que eu, o mesmo filme, ainda mais se estivesse passando um programa sobre amor ou erotismo, com um cenário que tivesse alguma coisa a ver com a

nossa situação. Aí eu ficava imaginando que ele estava vendo *A mulher do lado* conosco no lugar dos personagens. Se ele me contasse que já vira o filme, eu acabava achando que ele o escolhera naquela noite por nossa causa e que, representada na tela, nossa história deveria lhe parecer mais linda, ou pelo menos justificada. (É óbvio que eu mais que depressa tirava da cabeça que o nosso vínculo pudesse, ao contrário, lhe parecer perigoso, já que no cinema, em geral, toda paixão fora do casamento acaba mal.)[{4}]

Às vezes me dava a sensação de que ele talvez passasse um dia inteirinho sem pensar em mim. Eu o via se levantando, tomando café, falando, rindo, como se eu não existisse. A distância entre essa fantasia e a minha própria obsessão me enchia de espanto. Como era possível. Mas ele também ficaria pasmo de saber que não me saía da cabeça um minuto sequer. Não tinha por que cada um de nós considerar a sua atitude mais certa do que a do outro. Num certo sentido, eu tinha mais sorte que ele.

Quando eu ia andando pela rua em Paris, vendo um homem sozinho a bordo daqueles carrões, desfilando pelos bulevares com pinta de quadro superior atarefado, me dava conta de que A. não passava de um deles, em primeiro lugar preocupado com a carreira, com alguns acessos de erotismo, talvez de amor, por uma nova mulher a cada dois ou três anos. Esta descoberta me liberava. Eu tomava a decisão de não tornar a vê-lo. Me convencia de que ele virara para mim uma pessoa tão anônima e desinteressante quanto um daqueles ocupantes *clean* de uma BMW ou de um R 25. Mas ao mesmo tempo, eu ia olhando os vestidos e as peças íntimas nas vitrines, como que prevendo um próximo encontro.

Esses momentos de distanciamento, efêmeros, vinham de fora, não era eu quem os procurava. Ao contrário, eu evitava as ocasiões que pudessem me arrancar da minha obsessão, como a leitura, a badalação ou qualquer atividade que antes me atraía. Eu não queria fazer absolutamente nada. Fui violenta ao recusar a meu diretor um trabalho extra que ele me pedira: quase o destratei no telefone. Achava-me no direito de ir contra o que impedisse minha dedicação ilimitada às sensações e aos relatos imaginários da minha paixão.

No trem, no metrô, em qualquer sala de espera, nesses lugares onde a gente pode estar à toa, mal me sentava, eu me punha a sonhar com A. No minuto em que eu entrava nessa, produzia-se em minha cabeça um espasmo de felicidade. Parecia que eu me abandonava a um prazer físico, como se o cérebro, inundado por aquelas imagens e lembranças repetidas, pudesse gozar, como se fosse um órgão sexual como os outros.

Naturalmente não sinto vergonha de anotar essas coisas, por causa do espaço de tempo que separa o momento em que elas se escrevem, em que na solidão eu as vejo, do momento em que elas forem lidas pelos outros, que aliás, acho que nunca chegará. Até lá, posso me acidentar, morrer, pode estourar guerra ou revolução. É por causa deste espaço de tempo que atualmente posso escrever, mais ou menos do jeito que aos dezesseis anos eu me expunha ao sol escaldante o dia inteirinho, aos vinte fazia amor sem evitar filho: sem refletir nas consequências.

(Logo, é um erro que nos leva a tachar de exibicionista quem escreve sobre a sua vida, pois exibicionista é quem só quer uma coisa: se mostrar e ser visto na mesma hora.)

Na primavera, minha espera tornou-se contínua. Um calor precoce instalou-se desde o início do mês de maio. As roupas de verão desfilavam pelas ruas, os bares ao ar livre ficavam apinhados. Por toda parte só se ouvia uma música exótica, murmurada por uma voz feminina estrangulada: a lambada. Tudo era promessa de novos prazeres e eu atribuía ao projeto de curti-los me deixando de fora. Seu posto e sua função na França me pareciam da maior importância, capazes de atrair a admiração de todas as mulheres. Por outro lado, eu me depreciava, sem encontrar em mim qualquer interesse para segurá-lo ao meu lado. Quando eu ia a Paris, em qualquer esquina eu achava que ia vê-lo passando de carro junto com alguma mulher. Eu ia toda empertigada, usando esse ar superior para me defender de um possível encontro. O fato de que este jamais tenha ocorrido chegava a me decepcionar mais ainda: eu ia perambulando pela rua, suando em bicas sob o seu olhar imaginário, ao passo que ele estava em outro lugar, inatingível. A imagem dele ao volante, de vidro aberto, com o gravador a mil, rumo ao parque de Sceaux ou ao bosque de Vincennes, me perseguia.

Um dia comecei a ler, numa revista de televisão, uma reportagem sobre um conjunto de bailarinos cubanos que estavam se apresentando em Paris. O autor enfatizava a sensualidade e a liberdade das cubanas. Uma foto mostrava a bailarina entrevistada, uma mulher alta, morena, com as pernas esguias de fora. À medida que eu avançava na leitura, meu pressentimento crescia. No final, eu podia jurar que A., que conhecia Cuba, se encontrara com a bailarina da foto. Eu o via com ela num quarto de hotel, e nada teria sido capaz de me convencer naquele momento da inverossimilhança daquela cena. Ao contrário. O que me parecia absurda era a hipótese de que esta cena não tivesse acontecido.

Nem quando ele me ligava para a gente se ver, meu estado de espírito mudava; eu, que tinha esperado aquela ligação a cada minuto, continuava angustiada como antes. Daquele jeito, nem a realidade da voz dele conseguia me fazer feliz. Tudo era uma falta que não acabava mais, salvo na hora em que fazíamos amor. E além disso, eu tinha pânico do instante seguinte, em que ele iria embora de novo. Eu vivia o prazer como uma dor futura.

Sem parar, o desejo de romper para não continuar à mercê de um telefonema e, na mesma hora, a representação do que estava por trás disso quando se desse a

ruptura: uma sequência de dias sem nada esperar. Eu preferia continuar a qualquer preço — tendo ele outra mulher, ou várias (quer dizer, um sofrimento ainda maior do que aquele pelo qual eu queria deixá-lo). Mas perto do vazio suspeitado, minha situação de então me parecia feliz, meu ciúme, uma espécie de privilégio frágil, cujo término eu seria louca se desejasse, já que este acabaria por chegar um dia, sem levar em conta o meu desejo e a minha vontade, na hora em que ele partisse ou me deixasse.

Eu fugia de qualquer ocasião que me desse a chance de encontrá-lo junto de outras pessoas, sem aguentar vê-lo só por vê-lo. Por isso deixei de ir a uma inauguração para a qual ele fora convidado, porém sem tirar da cabeça, a noite inteira, aquela imagem dele, sorrindo e apressado ao lado de uma mulher, do jeito que ele estivera comigo quando nos conhecemos. Depois eu soube que na tal inauguração só havia uns quatro gatos-pingados. Fiquei aliviada, repetindo esta expressão com prazer, como se houvesse alguma relação entre o clima de uma festa ou o número de mulheres convidadas e aquilo que dependia só do acaso do encontro — aí, uma já bastava —, só do desejo que ele tivesse ou não de paquerá-la.

Eu procurava estar a par do que ele fazia nas horas vagas e para onde ele ia nos fins de semana. Pensava: “agora ele está na floresta de Fontainebleau, está fazendo *cooper* — está na estrada de Deauville — na praia com a mulher”, etc. Saber me confortava, como se a capacidade de situá-lo num dado lugar, num dado momento, me imunizasse contra alguma infidelidade. (Uma certeza que considero análoga a uma outra, tão tenaz quanto essa, que consiste em imaginar que só por eu saber o lugar do agito ou das férias dos meus filhos, eles estão livres de acidentes, das drogas ou de morrer afogados.)

Eu não queria sair de férias naquele verão, acordar num quarto de hotel tendo pela frente um dia para enfrentar sem nenhum telefonema dele para esperar. Mas renunciar a sair era lhe confessar minha paixão com mais clareza do que se eu lhe dissesse: “estou louca por você”. Uma ocasião em que eu estava meio a fim de romper, resolvi espairecer passando uns dias em Florença dali a dois meses, e reservei o trem e o hotel. Fiquei satisfeita com essa forma de ruptura que não me obrigava a deixá-lo. Via a hora da partida como a hora de um vestibular para o qual eu me matriculara, sem preparo, com muita antecedência — sentindo-me exausta e inútil. No beliche do vagão-leito, eu só ficava me imaginando naquele mesmo trem, mas voltando para Paris oito dias depois: perspectiva de uma

felicidade inédita, quase impossível (e se eu morresse em Florença, se nunca mais o visse...), que aumentava aquele horror que eu sentia de ir me afastando de Paris, vendo o intervalo entre a ida e a volta como uma duração interminável e atroz.

O pior era a impossibilidade de passar o dia todo no quarto do hotel, esperando o trem que me levaria de volta a Paris. Era preciso justificar a viagem com aquelas visitas culturais e aqueles passeios de praxe. Caminhava horas e horas no Oltrarno, no jardim Boboli, até a praça San Michelangelo, San Miniato. Entrava em tudo quanto era igreja aberta, fazia três pedidos (por causa da superstição de que um deles se realizaria — claro que tinham todos a ver com A.), e ficava lá sentada naquele fresquinho e naquele silêncio, buscando um dos múltiplos cenários (nós dois passando uma temporada em Florença, nos reencontrando em algum aeroporto, etc.) que não me saíam da cabeça o dia inteiro.

Eu não conseguia entender como é que as pessoas ficam procurando descobrir no guia a data e a explicação de cada quadro, coisas que não têm nada a ver com a sua vida. Eu só fazia das obras de arte um uso apaixonado. Voltava à igreja da Badia porque, lá, Dante encontrara Beatriz. Os afrescos desbotados da Santa Croce me perturbavam por causa da minha história que um dia acabaria como eles, em farrapos descoloridos na memória dele e na minha.

Nos museus eu via apenas as representações do amor. Tinha uma atração pelas esculturas de nus masculinos. Nelas eu revia a forma dos ombros de A., do seu estômago, do seu sexo, e sobretudo da ruga que se delineia pelo lado de dentro da curva do seu quadril e vai até a virilha. Eu não conseguia arredar pé do *David* de Michelangelo, inconformada por ter sido um homem e não uma mulher quem manifestara de modo sublime a beleza do corpo masculino. Ainda que isto se atribuísse à condição oprimida das mulheres, eu achava que alguma coisa estava irremediavelmente errada.{5}

Na volta, no trem, senti que havia literalmente escrito minha paixão em Florença, andando pelas ruas, visitando os museus, obcecada por A., vendo tudo com ele, comendo e dormindo com ele naquele hotel barulhento à beira do Arno. Bastava eu voltar para ler aquela história de uma mulher amando um homem, que era a minha. Aqueles oito dias na solidão, em que eu só falava com garçom de restaurante, possuída pela imagem de A. (tanto que me espantava com os paqueradores que me abordavam; como é que eles não viam transparente essa imagem no meu corpo?), enfim se tornavam para mim como se fossem uma prova a aperfeiçoar ainda mais o amor. Uma espécie de gasto extra, agora da

imaginação e do desejo na ausência.

Depois de seis meses A. voltou para a sua terra. É quase certo que eu não torne a vê-lo jamais. No começo, quando eu acordava às duas da manhã, tanto fazia para mim viver ou morrer. Meu corpo inteiro doía. Eu queria arrancar a dor mas ela se instalara em tudo. Eu desejava que um ladrão entrasse em meu quarto e me matasse. Passava o dia todo tentando me ocupar, para não ficar perdida (dando então a esta palavra um sentido vago, curtir fossa, me afogar na bebida, etc.). Com a mesma intenção, me esforçava para andar bem vestida, bem maquiada, de lente de contato em vez de óculos, apesar da coragem que tal manipulação exigia. Não dava para ver televisão nem revista, todo anúncio, seja de perfume ou de micro-ondas, só mostra isso: mulher esperando homem. Eu desviava os olhos quando passava por uma loja de roupas íntimas.

Quando eu estava mesmo na pior, ficava louca para ir a uma cartomante, como se fosse a única coisa vital que eu pudesse fazer. Um dia, fiquei procurando no catálogo uns nomes de videntes. A lista era longa. Uma delas anunciava que predissera o terremoto de São Francisco e a morte de Dalida. Ao fazer aquele levantamento de nomes e telefones, eu sentia a mesma alegria de viver que ao experimentar, no mês anterior, um vestido novo para A., como se ainda estivesse fazendo alguma coisa para ele. Acabei não ligando para vidente nenhuma, com medo de ouvir a predição de que ele jamais voltaria. Fiquei pensando “isso até eu concluo”, sem me espantar. Não via por que razão eu não poderia concluir isso.

Uma noite, me deu vontade de fazer exame para ver se eu tinha Aids: “pelo menos isso ele teria deixado em mim.”

Eu queria a todo custo lembrar do corpo dele, dos pés à cabeça. Conseguia ver, nitidamente, seus olhos verdes, o movimento daquela mecha em sua testa, a curva de seus ombros. Sentia seus dentes, o interior da sua boca, a forma das suas coxas, a textura da sua pele. Na minha cabeça, esta reconstituição estava à beira da alucinação, a memória à beira da loucura.

Uma vez, de bruços, me excitei, gozei e achei que era o gozo dele.

Por várias semanas:

acordei no meio da noite e fiquei até de manhã num estado de torpor, acordada e incapaz de pensar. Queria me refugiar no sono mas ele ficava sempre como

que embaixo de mim.

não me dava vontade de levantar para enfrentar aquele dia sem projeto, sentindo que o tempo já não me conduzia a nada, a não ser envelhecer.

no supermercado, eu me dizia “já não preciso pegar isso” (uísque, amendoim, etc.).

olhava para as blusas, para os sapatos, que eu comprara para um homem, transformados em roupetas sem significação, meras exigências da moda. E daria para desejar uma dessas coisas, uma coisa qualquer, senão para alguém, para servir ao amor? Precisei de um xale por causa do frio: “ele não há de vê-lo.”

eu não suportava mais ninguém. As pessoas com quem eu ainda me dava eram aquelas que eu conhecera no tempo de A. Elas figuravam na minha paixão. Ainda que não me despertassem interesse ou estima, eu sentia uma certa afeição por elas. Mas era demais para mim ver na televisão algum locutor, algum ator, em quem antes eu gostava de encontrar o porte, os gestos, os olhos de A. Estes signos dele em outra pessoa para quem eu não estava nem aí me cheiravam a impostura. Odiava aqueles caras que continuavam a se parecer com A.

fazia pedidos: se ele ligar até o fim do mês dou quinhentos francos para uma entidade humanitária.

fantasiava a gente se encontrando em algum hotel, aeroporto, ele me mandando uma carta. Respondia a palavras que ele não dissera, a palavras que ele jamais escreverá.

se eu ia a algum lugar onde estivera um ano antes quando ele estava aqui — ao dentista ou a uma reunião de professores —, era com a mesma roupa que então usara, tentando me convencer de que as mesmas circunstâncias produziriam os mesmos efeitos, que ele me telefonaria à noite. Quando me deitava, por volta de meia-noite, arrasada, eu me dava conta de que passara o dia inteiro acreditando mesmo nesse telefonema.

Nas minhas insônias, às vezes eu me transportava para Veneza onde passei uma semana de férias antes de encontrar A. Procurava lembrar como empregara o tempo, os itinerários que fizera, me recolocava nos Zattere, nas vielas da Giudecca. Reconstituía o quarto em que fiquei no anexo do hotel La Calcina, esforçando-me para lembrar de tudo, da cama estreita, da janela condenada que dava para o café Cucciolo, da mesa forrada com uma toalha branca onde eu pousara uns livros, cujos títulos eu enumerava. Recenseava as coisas que lá estavam, uma a uma, querendo esgotar o conteúdo de um lugar onde eu passara uns dias antes que a história com A. se iniciasse, como se um inventário perfeito me permitisse revivê-la. Com fé idêntica, tinha ímpetos de voltar mesmo a Veneza, para o mesmo hotel, o mesmo quarto.

Então, eu só pensava e agia repetindo o passado. Eu queria obrigar o presente a ser aquele passado aberto à felicidade.

Estava sempre calculando “há duas semanas, cinco semanas, que ele foi embora”, e “ano passado, neste dia, eu estava em tal lugar, fazendo tal coisa”. Fosse por que fosse, inauguração de centro comercial, visita do Gorbatchev a Paris, conquista do Roland-Garros pelo Chang, eu automaticamente: “Foi no tempo dele.” Eu revia os momentos dessa época, que não tinham nada de especial — eu na sala dos fichários da Sorbonne, eu caminhando pelo bulevar Voltaire, eu provando uma saia numa loja da Benetton —, sentindo tanto que continuava neles que até me perguntava por que a gente não pode dar uma *passada* por um dia ou por um momento do jeito que faz ao passar de um quarto a outro.

Em meus sonhos havia também esse desejo de um tempo reversível. Eu falava e discutia com minha mãe, como se ela estivesse viva, mas no sonho eu sabia já estava morta. Isto nada tinha de extraordinário, a morte dela a precedia, “como uma coisa boa realizada”, só isso. (Acho que tive este sonho várias vezes.) Também sonhei com uma menina de maiô que desaparecia durante uma excursão. A reconstituição do crime logo acontecia. A criança então ressuscitava para refazer pessoalmente o itinerário que a conduzira à morte. Mas o fato de o juiz saber da verdade complicava a reconstituição. Nos outros sonhos, eu perdia a bolsa, o rumo, e não conseguia fazer a mala para pegar um trem que estava para chegar a qualquer momento. Revia A. no meio da multidão, ele não me olhava. A gente ia num táxi, eu o acariciava, seu sexo não respondia. Depois ele chegou a aparecer de novo com aquele desejo. A gente voltava a se ver em banheiro de café, no meio da rua contra algum muro, e ele me tomava sem dizer palavra.

Nos fins de semana eu me obrigava a fazer furiosamente alguma atividade física, trabalho doméstico ou jardinagem. À noite eu estava exausta, com as pernas dormentes, como ficava quando A. passava a tarde lá em casa. Mas era um cansaço vazio, sem a lembrança de outro corpo, e eu o odiava.

Comecei a contar que “de setembro para cá, não fiz mais nada a não ser esperar um homem”, etc., dois meses depois da partida de A., não sei bem que dia. Consigo lembrar tintim por tintim das coisas ligadas à minha relação com A.: as revoltas de outubro na Argélia, o calor e a nebulosidade do 14 de julho de

1989; lembro até do liquidificador que comprei e de como foi a véspera de um encontro nosso, mas não consigo precisar numa página a chuva torrencial nem qualquer fato ocorrido no mundo de cinco meses para cá, como a queda do muro de Berlim ou a execução de Ceausescu. O tempo da escrita não tem nada a ver com o da paixão.

No entanto, comecei a escrever para continuar naquele tempo, em que tudo ia no mesmo sentido, da escolha de um filme à escolha de um batom, para alguém. O imperfeito que espontaneamente empreguei desde as primeiras linhas é o de uma duração que eu não desejava finita, o do "naquele tempo a vida era mais bela", o de uma eterna repetição. E era a forma de produzir uma dor que substituía a espera de antes, dos telefonemas e dos encontros. (E continua sendo tão doloroso reler as primeiras páginas quanto tocar no roupão de toalha que ele usava na minha casa e tirava na hora de se vestir para sair. A diferença: estas páginas sempre terão sentido para mim, talvez para outros também, enquanto o roupão — que só faz sentido mesmo para mim — qualquer dia já não evocará mais nada, e acabará numa trouxa com outros trapos. Tomando nota disso, devo procurar salvar o roupão também.)

Mas eu ia vivendo. Quer dizer, escrever não me impedia de, na hora em que eu parava, sentir a falta de um homem cuja voz eu já não ouvia, com seu sotaque diferente, sua pele que eu não tocava, que levava, numa cidade fria, uma existência que não dava para eu imaginar qual fosse — de homem do real, mais inatingível que o homem escrito, designado pela inicial A. Então, eu continuava a usar de todos os meios que me ajudassem a suportar a dor e me dessem esperança quando, racionalmente, esperança não há: fazer bem feito, dar dez francos a um mendigo de porta de estação, pensando, "tomara que ele me telefone, que volte", etc. (Vai ver até, no fundo, a escrita faz parte desses meios.)

Embora eu estivesse enjoada de gente, aceitei participar de um debate em Copenhague, pois seria a chance de lhe enviar um discreto sinal de vida, um cartão-postal a que, para mim, ele não poderia deixar de responder. Desde a hora em que cheguei a Copenhague, só pensei numa coisa: comprar um cartão, registrar aquelas frases que eu havia elaborado antes de partir, encontrar uma caixa de correio. Na viagem de volta, no avião, eu me dei conta de que só fora à Dinamarca para remeter um cartão-postal a um homem.

Eu estava a fim de reler algum livro que li bem por alto no tempo de A. Achava que a espera e os sonhos dessa época estavam lá dentro e que eu recuperaria minha paixão tal qual eu a vivera. Porém não me decidia a fazê-lo, recuando supersticiosamente antes de abri-lo, como se *Anna Karenina* fosse uma dessas obras esotéricas onde está estabelecido que não devemos virar uma

determinada página se não quisermos sofrer.

Uma vez, me deu uma vontade louca de ir na passagem Cardinet, no XVII, onde eu fora fazer um aborto clandestino vinte anos atrás. Eu achava que era imprescindível que eu visse a rua, o prédio, e subisse no apartamento onde isso aconteceu. Como que esperando que uma dor antiga neutralizasse a atual.

Saltei na estação Malesherbes na altura de uma praça, cujo nome bem moderno, sem duvida, não me dizia nada. Tive que pedir informação a um verdureiro. A placa que indica a passagem Cardinet está meio apagada. As fachadas, castigadas, brancas. Dirigi-me ao número que eu lembrava e empurrei a porta, uma das raras sem código digital. O quadro dos residentes estava afixado na parede. A velha encarregada da faxina morrera ou se internara num asilo de subúrbio, agora só gente de classe mora nessa rua. À medida que eu me aproximava da Ponte Cardinet, eu me via outra vez caminhando ao lado daquela mulher que fizera questão de me acompanhar até a próxima estação, naturalmente para se certificar de que eu não desmaiaria na porta da casa dela com a sonda que ela me botou espetada na barriga. Eu pensava “já estive aqui”. Queria ver que diferença havia entre aquela realidade passada e uma coisa fictícia. E se eu estivesse duvidando de lá ter ido um dia, eu que não duvidava de um personagem de romance?

Tornei a pegar o metrô em Malesherbes. Esse desvio não mudou as coisas, mas gostei de tê-lo feito, de ter reatado com um estado de abandono cuja origem era um homem.

(Será que só eu volto ao local de um aborto? Será que escrevo para saber se os outros já fizeram ou sentiram essas coisas, ou para que encarem normalmente o fato de senti-las. Ou até para que as vivenciem também esquecendo que as leram um dia em algum lugar.)

Agora, estamos em abril. Já consigo acordar de manhã sem pensar em A. A ideia de voltar a curtir “os pequenos prazeres da vida” — falar com os amigos, ir ao cinema, comer bem — não me amedrontam tanto. Continuo no tempo da paixão (pois ainda há de chegar o dia em que constatarei que nem pensei em A. ao acordar) mas é diferente. Ele já não é contínuo.{6}

Volta e meia me lembro de coisas dele, de palavras que ele me disse. Tipo, que ele foi ao circo de Moscou e que o domador de gatos era “incrível”. Na

mesma hora, fico na maior tranquilidade, a mesma que sinto quando acabo de sonhar com ele sem estar sabendo que foi sonho. A sensação de que tudo está em ordem outra vez, de que “agora está tudo bem”. Depois avalio que estes propósitos se referem a uma coisa que já vai longe, mais um inverno se passou, quem sabe o domador de gatos largou o circo, “é incrível” pertence a uma atualidade perecível.

No desvio de uma conversa, de repente acho que entendo uma atitude de A. ou que descubro um aspecto para mim inédito da nossa relação. Eu estava tomando café com um colega e ele me confidenciou que tivera uma relação bem física com uma mulher casada, mais velha que ele: “À noite, quando eu saía da casa dela, eu ia pela rua respirando fundo, com uma tremenda sensação de virilidade.” Fiquei achando que A. deveria ter tido essa mesma sensação. Eu estava feliz com esta descoberta. Apesar de inverificável, ela me dava essa sensação boa, como se eu tivesse captado uma coisa imperecível.

Nessa mesma noite, no metrô, duas garotas conversavam na minha frente. Ouvi “estão dando bandeira em Barbizon”. Tentei descobrir o que esse nome me dizia e logo depois lembrei que A. me contara que lá fora num domingo com a mulher. Era uma lembrança como outra qualquer, como a evocada pelo nome Brunoy, onde morava uma amiga que eu perdera de vista. Então o mundo recomeça a ter outras significações além de A.? O homem dos gatos do circo de Moscou, o roupão de toalha, Barbizon, todo o texto que eu fui construindo dia após dia na minha cabeça, desde a primeira noite, com imagens, gestos, palavras — o conjunto de signos que constituem o romance não escrito de uma paixão começa a se desfazer. Isto aqui é só o resíduo, as pegadas. Como o outro, um dia, não será nada para mim.

No entanto, é uma coisa que não consigo deixar, como não consegui deixar A. no ano passado, na primavera, quando já se dera a interrupção da minha espera e do meu desejo por ele. Mesmo sabendo que da escrita eu não tenho o que esperar, pois o que a gente escreve não acontece. Já na vida, é diferente. Continuar, é também rejeitar a angústia de oferecer isso aqui para os outros lerem. Enquanto eu estava na necessidade de escrever, eu não me preocupava com esta eventualidade. Agora que já fui até o fim, olho espantada para as páginas escritas, com uma vergonha que jamais sentira — antes pelo contrário — quando vivi minha paixão, e não quando a relatei. Os julgamentos, os valores “normais” do mundo são coisas que se aproximam com a perspectiva de uma publicação. (Pode ser que a obrigação de ficar respondendo a perguntas do tipo “é autobiográfico?”, justificando isso ou aquilo, não deixe que todos os tipos de

livro vejam a luz, senão em forma de romance, onde as aparências se salvam.)

Aqui também, diante das folhas preenchidas com a minha escrita rasurada, ilegível a não ser para mim, consigo achar que se trata de uma coisa privada, quase infantil, inconsequente — como aquelas declarações de amor e frases obscenas que, no meio da aula, eu inscrevia na capa dos meus cadernos, e tudo o que se pode escrever com a consciência tranquila, sem temer receber um castigo, tão certos estamos de que ninguém verá. Quando eu começar a bater este texto à máquina e ele me aparecer nos caracteres públicos, será o fim da minha inocência.

fevereiro de 91

Eu poderia parar na frase anterior e fazer de conta que nada do que se passa no mundo e na minha vida tenha qualquer possibilidade de vir a intervir neste texto. Considerá-lo saído do tempo, em suma, pronto para ser lido. Mas enquanto estas páginas forem pessoais e estiverem à mão como hoje estão, a escrita está sempre aberta. Me parece mais importante acrescentar o que a realidade veio trazer do que mudar um adjetivo de lugar.

Entre o momento em que parei de escrever, em maio passado, e agora, 6 de fevereiro de 1991, o conflito previsto entre o Iraque e a coalizão ocidental eclodiu. Uma guerra "limpa" segundo a propaganda, embora o Iraque já tenha levado "mais bombas do que a Alemanha durante toda a Segunda Guerra Mundial" (*Le Monde* de hoje) e testemunhas aleguem ter visto crianças ensurdecidas pelos disparos perambulando como bêbados pelas ruas. A gente está sempre esperando alguma coisa anunciada que nunca acontece, a ofensiva terrestre dos aliados, um ataque químico de Saddam Hussein, um atentado nas Galeries Lafayette. É a mesma angústia, o mesmo desejo — e a mesma impossibilidade — de se saber a verdade do que no tempo da paixão. A semelhança para por aí. Sonho e imaginação, não há mais em parte alguma.

No primeiro domingo da guerra, à noite, tocou o telefone. A voz de A. No primeiro momento, fiquei apavorada. Repetia chorando o nome dele. Dizia "sou eu" devagarinho. Ele queria me ver imediatamente, ia tomar um táxi. Naquela meia hora que me sobrava antes da chegada dele, eu me maquiei e me aprontei correndo. Aí fui esperar no corredor, enrolada num xale que ele nunca vira. Fiquei olhando bestificada para a porta. Ele entrou sem bater, como antes. Devia ter bebido bastante, pois vacilou ao me abraçar e tropeçou na escada do meu quarto.

Depois, só quis tomar um café. A vida dele, aparentemente, não mudara, ele continuava fazendo no Leste aquilo mesmo que fazia na França, sem filhos, embora a mulher estivesse louca para ter um. Aos trinta e oito anos, tem jeito de garoto, só que com o rosto um pouquinho mais amassado. Tem as unhas menos cuidadas, as mãos mais ressecadas, naturalmente por causa do frio que faz em seu país. Achou a maior graça que eu o censurasse por não ter dado sinal de vida

desde o dia em que partiu: “se eu ligasse, oi, tudo bem. Depois, e daí?” Ele não recebera o cartão-postal que eu lhe mandara da Dinamarca para o lugar em que ele costumava trabalhar em Paris. Tornamos a vestir nossas roupas espalhadas pelo chão e eu o levei de volta àquele hotel para os lados do Arco do Triunfo. Quando o sinal fechava, de Nanterre até dentro de Paris, a gente se beijava e se acarinhava.

No túnel da Défense, na volta, pensei: “cadê a minha história?” Depois: “não espero mais nada”.

Três dias depois ele estava voltando sem que a gente tivesse se visto outra vez. No telefone, antes de ir, ele me disse: “eu ligo”. Não sei se isso quer dizer que ele vai me telefonar do país dele ou de Paris, da próxima vez que vier. Não perguntei.

Acho que essa volta não aconteceu. Não se encontra em tempo algum da nossa história, é só uma data, 20 de janeiro. O homem que voltou naquela noite já nem é aquele que eu carreguei em mim naquele ano em que ele esteve aqui, e depois, quando escrevi. Este, não vou rever nunca. No entanto, é esse retorno, irreal, quase inexistente, que dá à minha paixão todo o sentido, que é não ter sentido, ter sido por dois anos a realidade mais violenta possível e a menos explicável.

Nesta foto, a única que tenho dele, meio fora de foco, vejo um homem alto e louro, com alguma coisa do Alain Delon. Tudo dele foi uma preciosidade para mim, os olhos, a boca, o sexo, as lembranças infantis, o jeito brusco de pegar nas coisas, a voz.

Quis aprender a língua dele. Guardei sem lavar um copo que ele havia usado.

Desejei que o avião em que eu voltava de Copenhague caísse se não nos tornássemos a ver.

No verão passado, em Pádua, botei esta foto no túmulo de santo Antônio — com aquela gente que apertava um lenço contra a lápide, um papelzinho dobrado contendo uma súplica — para ele voltar.

Ele ter “merecido” ou deixado de “merecer” isso não tem, é evidente, qualquer sentido. E isso estar começando a não ter mais nada a ver comigo, como se eu fosse outra mulher, não muda as coisas: foi o que me aproximou do limite que me separa do outro, a ponto de chegar a pensar em transpô-lo.

Medi o tempo de outra maneira, com todo o meu corpo.

Descobri do que a gente pode ser capaz, isto é, de tudo. Desejos sublimes ou mortais, ausência de dignidade, posições e atitudes que eu condenava nos outros antes de recorrer a elas. Sem saber, ele me ligou mais ao mundo.

Ele tinha me dito: “você não vai escrever livro nenhum sobre mim”. Mas não escrevi nenhum livro sobre ele, nem sobre mim. Somente transformei em palavras — que naturalmente ele não lerá, que não lhe são destinadas — o que a sua existência, por si só, me trouxe. Uma espécie de dom revertido.

Quando eu era pequena, luxo para mim era casaco de pele, vestido comprido e casa de praia. Depois, ficou sendo uma vida de intelectual. Agora parece que é também a possibilidade de viver uma paixão, seja por homem, seja por mulher.

{1} Muitas vezes encontro um equilíbrio entre um forte desejo e um acidente do qual sou a instigadora ou a vítima, uma doença ou alguma outra tragédia. Saber se eu aceitaria pagar o preço imaginário do desastre é um meio seguro de avaliar a força do meu desejo, possivelmente também de desafiar o destino: “Não me importo se a casa pegar fogo desde que eu consiga terminar de escrever este livro.”

{2} Um painel de jovens entrevistados pela revista feminina *Marie-Claire* condenou veementemente os casos amorosos de suas mães, divorciadas ou morando sozinhas. Uma moça comentou com amargura: “Tudo o que os amantes de minha mãe podiam fazer era ajudá-la a escapar para seus sonhos.” Quem poderia pedir por mais?

{3} Este homem continua a viver em algum lugar do mundo. Não posso descrevê-lo com mais detalhes, nem fornecer informações que possam levar à sua identificação. Ele “construiu sua vida” com determinação; em outras palavras, nada é mais importante para ele do que trabalhar para construir esta vida. O fato de eu ter prioridades diferentes não me dá o direito de revelar sua identidade. Ele não escolheu desempenhar um papel neste livro, apenas na minha vida.

{4} *Loulou* de Maurice Pialat, *Trop belle pour toi* de Bertrand Blier, por exemplo.

{5} Da mesma forma, lamentei que nenhuma mulher tenha feito uma pintura tão indescritivelmente comovente quanto a de Courbet, expondo as coxas abertas de uma mulher reclinada, seu rosto invisível, intitulada *A Origem do Mundo*.

{6} Por falta de melhor solução, mudei do passado para o presente, embora seja impossível estabelecer a linha de demarcação entre os dois tempos. Sou incapaz de descrever a forma como a minha paixão por A. se desenvolvia dia após dia. Posso apenas congelar certos momentos no tempo e destacar sintomas isolados de um fenômeno cuja cronologia permanece incerta — como no caso de eventos históricos.